



Usuário  Senha  Busca:

17:00:30 *Malwee* 12/12/05 16:48 - *Paramount compra DreamWorks em acordo de US\$ 1,6 t*

[Cadastre-se aqui](#)

[Página Inicial](#)

[Entrevistas](#)

[Meu Negócio](#)

Auto-Avaliação
Planejamento
Crédito

[Revistas](#)

Empreendedor
Revista do Varejo
Cartaz

[Guias](#)

Franquias
Automação
Rural

[Serviços](#)

A Empresa
Assinaturas
Contato
Cadastre-se
Publicidade

[Enquete](#)

Qual é a melhor empresa do varejo brasileiro?

Pão de Açúcar

Gestão social correta

O economista Marcelo Neri explica porque, no combate à pobreza, o desenvolvimento sustentável passa longe do assistencialismo

por [Alexsandro Vanin](#)

Economista e chefe do Centro de Políticas Sociais do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), Marcelo Neri vai direto ao ponto: para o Brasil atingir o crescimento sustentado e diminuir os problemas sociais, mais especificamente a pobreza, os governos precisam focar a educação das crianças até 15 anos, faixa etária em que se concentra a maior parte dos pobres no país, e melhorar a qualidade da aplicação de recursos na área social. Essa é a base para fomentar o empreendedorismo, um dos principais caminhos para um futuro com melhores condições financeiras, e que deve ser complementada por políticas públicas que estimulem a demanda por esses produtos e serviços, como compras públicas.

Empreendedor – Como o senhor avalia as políticas brasileiras de combate aos problemas sociais?

Marcelo Neri – O Brasil é um país que não gasta pouco na área social, cerca de 25% do PIB, mais do que qualquer país latino-americano, mesmo aqueles com forte tradição nessa área, como Uruguai e Costa Rica. Não é

[Publicidade](#)

Anúncios Goooooogle

[Confrapar Capital Semente](#)

Tem uma idéia na área tecnológica? Transforme sua idéia em empresa.
www.confrapar.com.br

[Tahitian Noni®](#)

4º maior crescimento mundial. Ganhe em oito níveis. sem vendas.
www.SuperNoni.Spway.cc

[Entrevistas](#)



"Coragem no ambiente hostil" -- Carlos Biedermann

[\[mais entrevistas\]](#)

- Casas Bahia
- Magazine Luiza
- Wal-Mart
- Carrefour
- C&A
- Zona Sul Supermercado
- Sonae
- DPaschoal
- O Boticário

Vote

Results (297 Votes)

**No Yázigí, você
não faz negócio...**

um problema de quantidade, e sim de qualidade: ele gasta mal. O dinheiro não é mirado nos pobres, e quando isso acontece não chega até eles, e quando chega não causa mudança sustentável na vida das pessoas, não abre uma porta de saída permanente. São programas mais assistenciais.

Nós temos uma carga tributária de cerca de 36% do PIB, e os recursos na área social não são bem aplicados. O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, há uns 40 anos ocupando o topo desse ranking. Nossos indicadores sociais são muito ruins. É preciso melhorar a efetividade. Na Constituição de 88 tentou-se melhorar os gastos sociais, por meio de vinculações, mas não temos atingido o objetivo.

A política social brasileira precisa focar os mais pobres, pelo menos como forma de organizar a demanda. É preciso fazer uma fila: primeiro os mais pobres, e depois alongar os horizontes dessa política social, de forma que os efeitos dela sejam mais duradouros. Isso passa, tanto num caso como no outro, por políticas educacionais. São essas políticas que vão atingir de forma mais efetiva as crianças, que são o grupo mais pobre da população, e dar uma oportunidade a elas. Em relação a políticas setoriais, como as voltadas para os nanoempresários, o Brasil nunca teve política de investimento sistemático nos pequenos empresários pobres, principalmente os urbanos. Não existe uma política de serviços. Fala-se muito de política industrial e agrícola, mas não de serviços, apesar de este ser o grande empregador brasileiro, em particular de empregados pobres. É preciso uma política que proteja os produtores pobres dos mercados, dando mais acesso a eles. Esse deveria ser um objetivo importante da política social.



Empreendedor – Os governos, em geral, adotam metas sociais?

Neri – A idéia das metas sociais é semelhante ao sistema de metas macroeconômicas, adotado pelo Brasil para controle da inflação. O Brasil é país recordista em inflação – nenhum país do mundo teve inflação mais alta que a brasileira, nem mesmo a Argentina. E o Brasil propõe uma meta de 6% de inflação ao ano e, mesmo que não atinja, chega muito perto. A idéia de metas sociais é gerar um tratamento equânime. Elas não estão nem acima nem abaixo das metas econômicas, fiscais e inflacionárias;

Internacional

12/12/2005 15:59
(GMT)

**Gold Fields
adquire mais 2,3%
das ações da
Bolivar Gold Corp.**



PR Newswire
United Business Media

[mais notícias]

Agenda

[mais eventos]

Franquia

Doce Mania

Comércio De Doces E
Salgados

Unid. próprias: **2**

Unid. franq.: **4**

[mais franquias]

elas estão no mesmo nível. É também uma tentativa de mudar a abordagem que se faz dessa área, feita por vinculação de recursos, estipulando uma percentagem mínima do orçamento a ser investida. Isso é interessante, até mesmo necessário, uma garantia de recursos, mas não o suficiente para gerar bons resultados na área social. É preciso gerar resultados, e as metas são importantes nesse sentido, mostram um retorno dos recursos investidos, são um bom mecanismo de controle.

É preciso colocar na política social um espírito meio que de mercado, de busca de excelência, de retorno, retorno social. A idéia é estabelecer uma espécie de corrida, onde uma parte do orçamento social iria fluir para os municípios que demonstrassem melhor capacidade de aplicar esses recursos, medida pela evolução de indicadores sociais. Seria uma das poucas corridas em que ser pobre teria uma vantagem relativa, pois localidades com indicadores muito ruins têm mais espaço para melhorá-los. Uma localidade onde apenas 50% das crianças estão na escola pode dobrar esse índice, enquanto outra que tem 100% não tem espaço para essa manobra. Aqueles que chegassem na frente dessa corrida teriam acesso a mais recursos no período seguinte. É mudar um pouco a lógica, a atitude dos gestores sociais em relação aos seus objetivos.

Empreendedor – A prática social brasileira continua idêntica à que o senhor batizou de Guilherme Tell, por ela não considerar as crianças como grupo prioritário na sociedade?

Neri – É uma analogia da área. Diz-se também que a política social brasileira não é Robin Hood, que tira dos ricos para dar para os pobres; é Hood Robin. No caso de Guilherme Tell, personagem caracterizado por tentar acertar flechas em uma maçã colocada na cabeça de seu próprio filho, chamei assim porque a política social brasileira dá o mesmo tratamento às crianças. A pobreza entre as crianças brasileiras é muito alta, assim como em outras partes do mundo. As crianças até 15 anos de idade são 30% da população brasileira, e 45% dos miseráveis brasileiros estão nessa faixa etária. Então quase a maioria dos pobres tem 15 anos ou menos de idade. Por isso, se você quiser combater a pobreza, é preciso atacar as crianças, o segmento mais pobre da sociedade brasileira, e essa distância não tem diminuído. Nos últimos 15 anos as crianças tiveram um ganho de 8% de renda per capita, enquanto as pessoas de 60 anos ou mais tiveram ganhos de mais de 50% per capita. Não é apenas uma questão de fotografia ruim; essa situação tem piorado

ao longo do tempo.

Uma explicação para a situação precária das crianças é de razão eleitoral. Por elas estarem abaixo da idade de votos, seus anseios não são atendidos. Pode-se dizer que elas são representadas por seus pais, mas famílias pobres têm muitos filhos, e muitas vezes são chefiadas só pelas mães, então são muitas cabeças para apenas um voto. Existe uma sub-representação dos pobres no mercado eleitoral que gera uma armadilha de perpetuação da pobreza. E justamente um dos objetivos das metas sociais é quebrar essa armadilha, impor ao funcionamento do mercado eleitoral uma lógica mais pró-pobre, mas favorável aos pobres.

Empreendedor – Como aperfeiçoar o sistema do microcrédito, para incentivar a formalidade e aumentar a geração de renda e emprego?

Neri – As pesquisas do Sebrae e IBGE mostram que o número de empresários nanicos (conta própria e empresas que empregam até cinco pessoas) que tinham dívidas em 2003 era o mesmo número observado em 97. Ou seja, passou seis anos e não houve melhoras, nada se alterou em relação ao acesso e ao volume de crédito. Nos últimos anos houve grandes tentativas de mudanças, como o crédito consignado, de aposentadorias, o que a gente já defende há muito tempo. É preciso dar uma certa liberdade, mas não muita, para beneficiário de programas sociais, como bolsa-família, para ele escolher a trajetória de consumo, uma espécie de cartão bolsa-família inteligente, que permita, por exemplo, utilizar para comprar remédios quando o filho fica doente, e depois repor, algo similar ao crédito consignado.

Um sistema como esse faz muito mais sentido que tentar criar bancos para os pobres, que talvez não sejam sustentáveis do ponto de vista financeiro. É preciso pensar maneiras sustentáveis de facilitar o crédito. O Brasil tem avançado nessa área, mas é preciso mudar as características do crédito no país, que, além de escasso, é mais para a alta do que para a baixa renda, mais de curto do que de longo prazo, e mais de consumo do que de investimento. O que não há no Brasil é crédito produtivo para pobres; existem algumas tentativas mas ainda precisamos avançar muito, os resultados ainda são frustrantes.

É preciso ter leis, um sistema jurídico que favoreça isso, uma mudança cultural na sociedade brasileira, de favorecer pobres que não pagam

dívidas. Existem pesquisas que mostram que juízes levam em conta se as pessoas são pobres. Eles tentam fazer justiça com as próprias interpretações, e apesar de a intenção ser louvável, ao tentar proteger um pobre, eles prejudicam o conjunto de pobres, porque inviabiliza o mercado de crédito, já que o prestador não vê probabilidade de reaver o crédito. No mercado, quando não quer, dois não fazem uma operação creditícia. A grande vantagem de uma agenda de acesso ao crédito é que, primeiro, você não mexe na distribuição de renda, no sentido de ter menos resistência, pois tem o objetivo de melhorar a renda de uma mesma pessoa ao longo do tempo, e não entre pessoas, sem impacto fiscal. Em segundo lugar, não gera custos para os cofres públicos. Mas o Brasil tem tentado avançar, até mesmo de maneira surpreendente, nos últimos meses.

Empreendedor – O que é preciso mudar na economia e em outras esferas, como a educação, para estimular o empreendedorismo?

Neri – Em primeiro lugar, a educação é muito importante. O empreendedor brasileiro, em geral, tem uma escolaridade muito baixa. Depois é importante ouvir o empreendedor, as pessoas que vivem essa realidade, e entender o que ele precisa. Quando você pergunta aos pequenos empreendedores qual é a principal dificuldade deles, a resposta é a demanda pelos produtos, a falta de clientes e a concorrência muito grande. Pouco adianta formar grandes grupos de empresas, empresas modelos na ótica da oferta, se não olhar pela demanda. É preciso fazer políticas que beneficiem a demanda desse segmento, por exemplo compras públicas. No Ceará há uma experiência de compras públicas de carteiras de estudantes para o ensino fundamental feitas por cooperativas de marceneiros locais. Cerca de 48% dos pequenos empreendedores, segundo pesquisas, reportam a falta de clientes como o maior problema; 45% acham a concorrência muito grande. Outro problema é o crédito, mas se o aumento do acesso ao crédito não for acompanhado de uma política de colocação dos produtos no mercado provavelmente ocorrerá um aumento da inadimplência. Políticas de inclusão digital são necessárias, nessa era da informação, era de inovações tecnológicas muito fortes. É preciso microcrédito, mas primeiro deve-se rever o conteúdo desses programas, pois o crédito não é um fim em si mesmo, é uma ponte para um futuro melhor, e para isso os programas precisam focar a educação, a inclusão digital, etc. E isso só vai ser possível se os programas forem pensados de maneira integral.

A informalidade é sempre uma escolha de Sofia para as políticas públicas brasileiras. As políticas públicas geralmente não escolhem os informais como alvo. Agora, há razões importantes para isso: apesar de serem segmentos mais pobres da sociedade, são segmentos que não pagam impostos, portanto é preciso encontrar os incentivos corretos. Em vez de colocar a formalidade como uma pré-posição de acesso aos programas públicos, é preciso colocar a formalidade como resultado dessas políticas. Isso não pode ser mais uma barreira, e sim um objetivo. Não dá para fechar os olhos para a informalidade, o que não é tão saudável para a economia brasileira.

Empreendedor – A política de controle da inflação por meio de metas anuais estabelecidas em acordo com o FMI, baseada na variação da taxa básica de juros, mostra-se no seu limite. Que alternativas o governo teria para manter a inflação em índices razoáveis e permitir o crescimento da economia?

Neri – Uma proposta que está sendo discutida é o déficit nominal zero, uma tentativa de gerar um choque de gestão, melhorar as contas públicas, desvincular despesas sociais. Isso geraria um choque de confiança no mercado, que passaria a diminuir a taxa de risco do país, e favoreceria a baixa da taxa de juros, levando a um círculo virtuoso. Hoje temos uma situação fiscal que vem se deteriorando. A reação geralmente é o aumento da receita, mas os gastos têm aumentado, por causa do crescimento do país, e provoca o aumento dos juros. É preciso sair dessa armadilha, ter juros menores com gastos públicos menores e mais eficientes. Um ponto que vai encontrar certa resistência junto à opinião pública, e com certa razão, é a idéia de desvincular os gastos sociais, mas para isso será necessário adotar metas e cumpri-las. É preciso a sociedade brasileira desarmar essa ciranda, que significa mais dívida no futuro, e reverter essa bola de neve, mas com responsabilidade social, com resultados sociais. Se as metas não são atendidas, o dinheiro deve ser ressarcido.

Empreendedor – Quais são as maiores fragilidades da economia brasileira?

Neri – Uma das fragilidades do país é a baixa taxa de poupança. A poupança doméstica tem até aumentado, segundo dados do Ipea, o que é uma boa notícia, mas a poupança total do país não tem aumentado. O

desafio é promover um boom de investimentos nas classes mais pobres, populares, pois gera expansão no curto prazo, crescimento sustentado da renda dos pobres, que é obtida com a acumulação de capital, capital humano, capital físico, capital social das cooperativas, etc. É preciso buscar uma taxa de investimento maior e melhor do ponto de vista distributivo.

No entanto, estamos numa certa sinuca. A taxa de poupança é baixa, e a concentração de renda é alta. Se você for combater a desigualdade, e os mais pobres têm muitas necessidades de consumo, a taxa de poupança diminuiria. Temos outro problema, juros altos (os maiores do mundo), o que teoricamente gera um aumento da taxa de poupança. Então, se atacarmos os juros, a poupança cairia. É um grande dilema para os governantes, e para enfrentá-lo é preciso criatividade, abrir uma agenda que provoque um boom de investimento nos segmentos mais pobres, financiando boas iniciativas.

Uma grande fragilidade é a educação. O Brasil falhou em não privilegiar a pré-escola. O avanço que houve foi a partir do ensino fundamental, e hoje já chega à educação superior. Isso é um avanço importante, em relação à quantidade, mas é preciso melhorar a qualidade. Agora, nos dois casos acho que passa por investimento pesado na pré-escola, crianças de zero a seis anos, aumentar a quantidade e a qualidade da educação dessa faixa etária, o que levaria o Brasil a um crescimento maior e mais justo.

Assine as revistas da Editora Empreendedor

De Empreendedor para Empreendedor

- Produção industrial cai na maioria das regiões pesquisadas pelo IBGE (16:17 12/12/2005)
- Analistas de mercado reduzem mais uma vez estimativa de crescimento do PIB (12:51 12/12/2005)
- Corte Itinerante do Agronegócio é referência nacional em acordo rápido (10:19 12/12/2005)
- Desafio Sebrae 2005 reuniu 50 mil estudantes de todo o País (9:32 12/12/2005)

[Anteriores](#)